

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

### **O GÊNERO DIÁRIO PESSOAL: AS MÚLTIPLAS VOZES EM TEXTOS DE ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS**

*Aida do Amaral Antunes (UFJF)*

[amaral.aida@yahoo.com.br](mailto:amaral.aida@yahoo.com.br)

*Natália de Paula do Nascimento (UFJF)*

[natnascimento@yahoo.com.br](mailto:natnascimento@yahoo.com.br)

*Suzana Lima Vargas (UFJF)*

[suzana\\_lima@uol.com.br](mailto:suzana_lima@uol.com.br)

#### **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa é uma das ações do projeto Laboratório de Alfabetização, integrante do Núcleo de Pesquisa e Ensino em Linguagem, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Esse projeto, iniciado em fevereiro de 2007 e ainda em andamento, visa o aprendizado da leitura e da escrita, de alunos de escolas públicas com histórias de fracasso escolar, considerando-se os usos e as funções de diversos gêneros discursivos.

Nesse contexto, o objetivo da nossa pesquisa é analisar como se dá a construção de conhecimentos acerca do gênero diário pessoal por um grupo de dez crianças de escolas públicas de Juiz de Fora, na faixa etária de 09 a 13 anos, atendidos semanalmente por professoras-bolsistas dos cursos de Letras ou Pedagogia, no Laboratório de Alfabetização/FACED/UFJF. Os sujeitos do trabalho iniciaram suas atividades conosco em março de 2009, para aprimorarem suas capacidades de leitura e produção textual.

O ambiente do Laboratório de Alfabetização foi organizado por meio de estações de trabalho, em diferentes gêneros discursivos, que motivam a criança para a aprendizagem da língua através da ação, com os materiais confeccionados pela equipe. Nosso método foi influenciado pela teoria de Maria Montessori (1870-1952), uma das grandes pioneiras nas pesquisas sobre o desenvolvimento da criança. Sua abordagem de ensino construída a partir de um trabalho de observação e de pesquisa psicológica, valoriza a experiência sensorial e aponta que a aprendizagem deve ser promovida em um ambiente estruturado, muito estimulante, onde a criança possa atuar. Neste ambiente tudo deve estar adequado e ordenado para que a criança en-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

contre oportunidades de trabalho, motivos de esperança, de tal modo que possa aprender de acordo com seu ritmo de crescimento. Segundo Montessori, é da eliminação da desordem e do que é supérfluo que nasce o interesse e a concentração.

Os atendimentos pedagógicos são planejados de acordo com e por meio da metodologia de ensino denominada por seqüência didática (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004). Essa abordagem nos permite explorar a oralidade, a escrita, a leitura e os aspectos gramaticais em conjunto, o que confere maior sentido ao aprendizado da língua.

Em uma das estações de trabalho, foram propostas atividades para a produção do diário pessoal: levantamento prévio do conhecimento que as crianças possuíam; apresentação de diários pessoais, leitura de livros ligados ao gênero diário pessoal; cestinhas com frases que orientam os alunos no momento da escrita do diário (sentimentos, confissões e fatos cotidianos); horário especial para a escrita dos diários.

O corpus desta pesquisa foi constituído pelos diários de 10 crianças, analisados a partir dos indícios e pistas que os alunos deixam em seu discurso.

A perspectiva metodológica da pesquisa está relacionada ao modelo epistemológico proposto pelo historiador italiano Ginzburg (1990), denominado "paradigma indiciário". De acordo com o autor, por muito tempo e em decorrência de seu compromisso histórico com a ciência positivista, os estudos na área das ciências humanas relegaram a segundo plano o chamado "dado singular". Dessa abordagem, decorrem algumas questões metodológicas cruciais, como por exemplo, a própria relação a ser estabelecida entre o investigador e os dados, na busca daqueles que podem ser indícios reveladores do fenômeno que se busca compreender. Quer dizer, uma vez que o olhar do pesquisador está voltado, neste paradigma, para a singularidade dos dados, entram em jogo outros elementos como: a intuição do investigador na observação do singular, do idiossincrático; sua capacidade de, com base no caráter iluminador dos dados singulares, formular hipóteses explicativas interessantes para aspectos do processo de constituição da escrita reveladas pelas crianças nas escritas e reescritas de textos.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Para a análise dos dados, buscamos as múltiplas vozes existentes nos discursos elaborados pelas crianças, uma vez que, no momento da produção, os alunos não apenas registraram passivamente os eventos cotidianos, mas a partir de certa posição axiológica recorram e organizaram esteticamente. Assim, eles revelaram autoria em seus diários.

Esse modelo de análise de cunho qualitativo, segundo Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997), ao ser aplicado no tratamento de dados da constituição da escrita, contribuirá para visualizar a relação dinâmica entre a criança e a linguagem e interpretar pistas, marcas e indícios de um processo em constituição, a partir daquilo que a criança torna evidente quando manipula a linguagem.

O quadro teórico que adotamos para a análise dos textos produzidos pelos alunos é o do Interacionismo Sociodiscursivo proposto por Bronckart (1999) e as ricas contribuições de Bakhtin (1997) sobre os gêneros discursivos e sobre o conceito de dialogia como elemento constitutivo da linguagem e do próprio sujeito.

### **1. Por um interacionismo sociodiscursivo**

Fundamentando-se, sobretudo no quadro interacionista, (concepção de linguagem como produto da interação social), Bronckart (1999) propõe o Interacionismo Sociodiscursivo, cuja idéia central é que “a ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem” (p. 42). Em outras palavras, o Interacionismo Sociodiscursivo compreende que o fenômeno da linguagem é indissociável da interação social, uma vez que a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua e nem no psiquismo individual dos falantes.

Segundo Bronckart (1999, p. 69), uma língua natural baseia-se em um código ou sistema que não pode ser considerado estável – como já afirmava Saussure – e só pode ser apreendida por meio de produções verbais efetivas/empíricas, de caráter diversificado, sobretudo por serem articuladas em situações muito diferentes. Essas formas de realização empíricas são denominadas de *texto*. O autor parte do pressuposto de que, embora toda língua natural esteja vinculada

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

às regras de um sistema, estas só podem ser identificadas e conceituadas por um procedimento de análise dos diversos textos utilizados em uma comunidade.

Partindo dessa concepção, adotamos uma abordagem didática que propõe o ensino da língua por meio das atividades de leitura e de produção de textos, entremeadas pelos momentos de reflexão sobre as categorias gramaticais disponíveis na língua e compatíveis com a estrutura composicional dos gêneros discursivos estudados.

### ***1. Os gêneros discursivos***

Em relação a essa questão, Bakhtin (1997) nos diz que os gêneros textuais são formas relativamente estáveis de enunciados que se definem por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços lingüísticos, extremamente ligados aos contextos (condições e finalidades) nos quais estão inseridos. É por esta dependência com relação ao contexto que eles são historicamente variáveis.

Acreditamos na necessidade de um ensino de língua que esteja de acordo com o contexto no qual estão inseridos os indivíduos presentes no processo ensino-aprendizagem em evidência. Assim, não se deve artificializar o contato desses indivíduos com sua língua materna. Ao contrário, a escola precisa procurar envolver seus alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar. Diante disso, entendemos o estudo da aquisição da escrita na dimensão de seus usos (o que os sujeitos fazem com a escrita) e funções (o que faz com os indivíduos).

Nesse compasso, é grande a importância do ensino dos gêneros discursivos na escola, porém isso deve ser pautado no ensino da leitura, da produção escrita e da análise lingüística. Essa prática favorece o exercício da interação das crianças com outras pessoas que fazem parte de suas relações sociais e amplia sua participação social dentro de uma sociedade letrada.

Em relação a essa questão, Bakhtin (1997) nos diz que os gêneros textuais são formas relativamente estáveis de enunciados que

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

se definem por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços lingüísticos, extremamente ligados aos contextos (condições e finalidades) nos quais estão inseridos. É por esta dependência com relação ao contexto que eles são historicamente variáveis.

### **1.1. O Gênero Diário Pessoal**

O diário é um fenômeno cultural que surgiu há anos com as tábuas de argila, encontradas na Suméria aproximadamente a 3000 a. C.. Atualmente, o diário é um instrumento de produção de cultura no mundo todo, usado como registro dos acontecimentos do dia-a-dia, que dependendo da sua função, pode ser utilizado como algo público ou privado, comunitário ou individual e, de modo geral, escrito em primeira pessoa.

No jornalismo, trata-se de um periódico/jornal que se publica todos os dias. No comércio usa-se o livro comercial para registrar todas as operações ativas e passivas do dia-a-dia. Em navegações marítimas registram-se o dia-a-dia da embarcação. No discurso médico-hospitalar é registrado o dia-a-dia dos pacientes.

Em relação aos textos literários, os autores relatam cronologicamente fatos e acontecimentos do dia-a-dia, consignando opiniões e impressões, confissões e/ou meditações. Esses diários são de caráter público, depois de escritos, são publicados, muitas vezes após muito tempo, e tornam-se produtos de consumo em massa.

Por fim, destacamos o Diário Íntimo Pessoal, ao qual daremos maior ênfase. Ele tem como característica o caráter privado, resultado da autoexpressão: impressões, desabaços, fatos e relatos. Segundo Bakhtin (1997) é um gênero discursivo que revela uma fusão entre locutor/autor e destinatário/leitor, já que, muitas vezes, o diário é o próprio interlocutor do diarista, confundindo-se os interlocutores.

Machado (1998) apresenta pesquisas acerca da produção diarista na pesquisa e na prática educacional. A autora destaca a pesquisa de Lejeune (1993, *apud* MACHADO, 1998) que apresenta a análise dos diários íntimos de jovens que escreveram entre os anos de 1766 e 1901. Esse pesquisador verificou que, nesta época, a produ-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

ção diarista se constituía como uma prática educacional e que dava às jovens o hábito da escrita e da releitura.

Porém, como afirma Machado (1998), o autor observou que a partir de certo momento, foram se desenvolvendo duas posições contrárias: i) estimulava a prática do diário íntimo; ii) via esse uso como riscos em sua utilização. A primeira posição era recomendada pelas mães que ensinavam as filhas em casa a leitura e escrita de diários. A segunda era a visão da igreja, que apontava a escrita do diário como abertura de descaminhos. Assim, no final do século XIX, a corrente contrária ao ensino do diário foi ganhando mais adeptos entre os educadores ligados ao ensino laico na luta contra a produção diarista, afirmando que acarretariam problemas de ordem psicopatológica e moral.

Depois deste breve histórico, podemos observar que o diário era visto como algo que acarretaria ruptura com as normas preestabelecidas e comportamentos desejados pelas instituições. Entretanto, atualmente, o diário tem sido bem aceito para o aprendizado da leitura e escrita. Machado (1998) nos diz que esse impulso na utilização do diário se deu através de artigos que apontam resultados positivos de experiências com a escritura de diários, pois sua produção não resulta apenas a expressão do que se pensa, mas é uma forma de descoberta dos próprios pensamentos. A pesquisadora também afirma que a produção diarista aparece como uma forma de fazer um balanço das próprias ações. Outra pesquisa desenvolvida por Canetti (1965, *apud* MACHADO, 1998), revela que o diário possibilita a fala consigo mesmo, assume um caráter de diálogo aberto e franco de escritor consigo mesmo.

Além disso, o diário permite que os estudantes não apenas escrevam e falem sobre suas idéias, mas também, como afirma Bakhtin, promovam uma discussão ideológica em grande escala, ou seja, o diário responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.

**2. *Análise dos diários pessoais***

**2.1. Contexto de produção**

Entendemos o contexto de produção discursiva dos diários pessoais como o conjunto de parâmetros orientadores da forma como os textos foram organizados, ou seja, as condições que influenciaram direta ou indiretamente a produção textual. Assim, de acordo com os pressupostos do interacionismo sociodiscursivo, essas condições podem se agrupar em dois conjuntos: o primeiro envolve o mundo físico (o lugar de produção; o momento de produção; o emissor e o receptor) e o segundo envolve o mundo social (normas, valores, regras; posição social do emissor e do receptor etc.) e o mundo subjetivo (imagem que o produtor da mensagem constrói de si mesmo no momento de expressão da ação de linguagem).

Além desses aspectos relacionados à situação contextual, Bronckart (1999) enfatiza a importância do conteúdo temático, responsável por definir o conjunto das informações contidas em um texto. Para ele, assim como as condições contextuais variam conforme a realidade sócio-subjetiva do produtor, o conteúdo temático também varia, em função, sobretudo, dos conhecimentos, das experiências organizadas na memória do produtor antes de se tornar uma ação de linguagem.

Compartilhamos com Bronckart (1999) a noção de texto como “toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário”. Para o autor, todo texto é constituído por três camadas superpostas e em parte interativas, que podem ser chamadas de folhado textual: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Essa distinção de níveis de análise está baseada na organização hierárquica do texto.

Para este trabalho, nos deteremos na análise dos mecanismos enunciativos, que diz respeito às vozes, os julgamentos, as opiniões e os sentimentos relacionados ao conteúdo dos diários; e nos remeteremos ao conceito de polifonia proposto por Bakhtin que destaca o diário tem um caráter inconclusivo, não acabado, sujeito a novas mudanças.





## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Terça-feira Dia 17/03/09

*Meu querido diário Eu Letícia tenho 12 anos eu moro com a minha vó e com minha tia Rita e com meu tio, eu adoro morar com eles eu tenho muitos e muitos amigos*

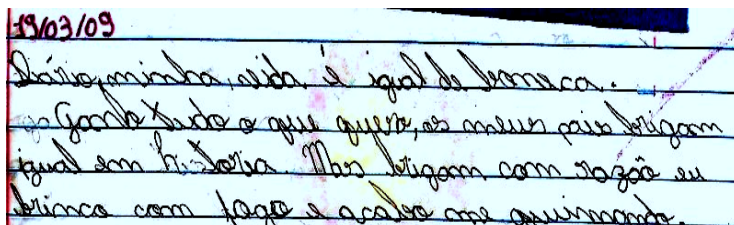
*Joice, Jessica, Stephanie, Marciane, Lucia, Ingreti, Monique, Maquinolia, veronica, Leonardo, Alejandro, pedro, buiu, Leandro, Maicon,*

### **Texto 1: Diário de Letícia – 12 anos**

- b. As vozes sociais:** São as vozes procedentes de personagens, grupos ou instâncias externas, que não intervêm como agentes no percurso temático de um trecho de texto, mas que são mencionadas na avaliação de alguns aspectos do conteúdo. (Cf. BRONCKART, 1999, p. 327).

Essas vozes podem ser observadas no texto (2) quando a autora menciona seus pais e a avaliação que eles fazem do comportamento da filha. De outro modo, a primeira e a última frase do texto revelam a incorporação de frases feitas da cultura popular (*Vida de boneca; Quem brinca com fogo acaba se queimando*).

(2)



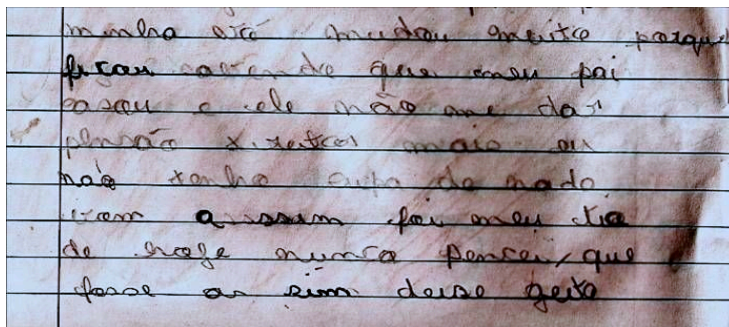
19/03/09  
Dizem minha vida é igual de boneca.  
E gosto muito e qui quero, os meus pais ligam  
igual em história. Mas ligam com razão eu  
brinca com fogo e acaba me queimando.

### **Texto 2: Diário de Bianca – 11 anos**

- c. As vozes dos personagens:** São aquelas procedentes de seres humanos, implicados, na qualidade de agentes, nas ações constitutivas do conteúdo temático de um segmento de texto.

No exemplo (3), a voz da avó está implícita no trecho em que Letícia questiona o tratamento que a avó tem dispensado a ela em decorrência da falta de pagamento da pensão pelo pai.

(3)



*“minha vó mudou muito porque ficou sabendo que meu pai casou e ele não me dar pensão tireito mais eu não tenho culpa de nada. bom assim foi meu tia de hoje nunca pensei que fosse as sim deise geito”*

**Texto 3: Diário de Letícia – 12 anos**

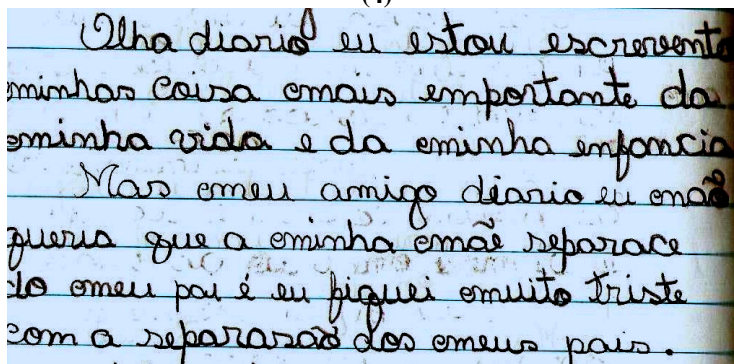
Outro aspecto que chama a atenção nesse exemplo é a presença do autor empírico nos segmentos de frases em que a aluna evidencia a sua indignação com os fatos ligados ao seu cotidiano: *“eu não tenho culpa de nada”*; *“nunca pensei que fosse as sim deise geito”*.

### **2.3. Interação locutor/interlocutor**

Bakhtin (1997) defende que o diálogo ocorre não apenas como comunicação em voz alta, na relação de pessoas face a face, mas como toda comunicação verbal, de todo tipo como, por exemplo, o livro, o ato de fala impresso e objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo.

A análise dos diários pessoais evidenciou inúmeras ocorrências de diálogo entre o próprio aluno e o diário, comprovando a tese de Bakhtin. A esse respeito, o diário da aluna Gabrielle (4) é um rico exemplo, pois ela se refere ao diário como se ele fosse o seu principal interlocutor:

(4)



Olha diario eu estou escrevendo  
minha coisa mais importante da  
minha vida e da minha infancia  
Mas meu amigo diario eu não  
queria que a minha mãe separe  
do meu pai e eu fiquei muito triste  
com a separação dos meus pais.

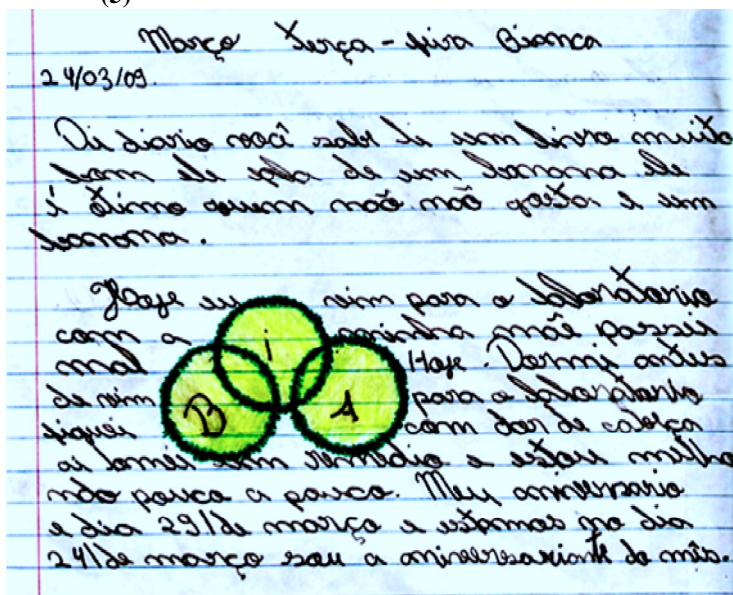
**Texto 4: Diário de Gabrielle – 10 anos**

Vimos também, por meio da produção do diário, que a aluna conquista uma nova forma de diálogo, que lhe permite refletir a respeito de seus atos, tomando consciência de si mesmo e se transformando. Quanto a isso, retomamos Bakhtin (1994) quando afirma que o texto ganha valor se inserido num real processo de interlocução, ou seja, só faz sentido quando o que escrevo e todas as suas qualificações estão direcionados para o outro.

Dentre os diários pessoais analisados, destacamos uma das páginas do diário de Bianca (5):

## Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

(5)



Texto 5: Diário de Bianca – 11 anos

O exemplo ilustra o modo como os diários pessoais, às vezes, são compreendidos como um destinatário ideal ou um confidente, para o qual os autores revelam coisas diversas, que podem parecer sem importância para muitos, mas que somente eles podem compreender a relevância de tais fatos, conforme indica as últimas linhas do exemplo (5), no qual Bianca enfatiza a data de seu aniversário.

### 2.4. Polifonia discursiva

Bakhtin (1994), ao discutir o conceito de polifonia, sustenta que a noção do *eu* nunca é individual, mas social. Esse conceito é ilustrado por meio da metáfora do espelho:

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

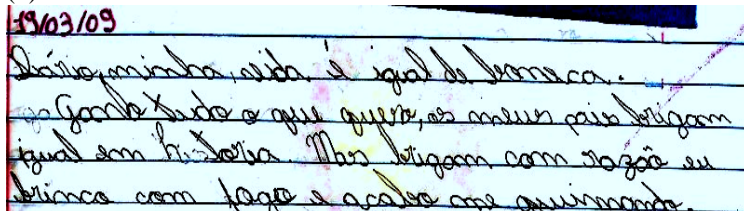
A polifonia é uma das principais características do gênero diário pessoal. Os textos dos alunos estão sempre e inevitavelmente atravessados pelas palavras do outro: o discurso elaborado pelos alunos se constitui também do discurso do outro que o atravessa.

O conceito de polifonia é recuperado por Possenti (2001), quando discute a noção de subjetividade:

Na verdade tudo que sai da boca do homem tem sua marca. [...] O simples fato de falar [...], por exigir a escolha de certos recursos expressivos, o que exclui outros, e por instaurar certas relações entre locutor e interlocutor [...], já indica a presença da subjetividade na linguagem. Esta subjetividade, o locutor pode fazê-la ressaltar ou apagar-se, segundo submeta mais ou menos fortemente às expectativas institucionais (POSSENTI, 2001, p. 73).

Na análise dos diários pessoais, os alunos se remetem à cena sobre a qual irão escrever se reportando ao discurso do outro. No diário de Bianca (2), observamos que a aluna passa pela consciência do outro para se constituir. Desta forma, seu texto resulta de uma montagem que revela as outras vozes sociais e a maneira como se apropriou do discurso do outro.

(2)



19/03/09  
Diário minha vida é igual do homem.  
Eu gosto tudo o que quero, os meus pais brigam  
igual em história. Mas brigam com razão e eu  
brinco com fogo e acabo me queimando.

**Texto 2: Diário de Bianca – 11 anos**

Outro procedimento típico de polifonia foi observado no diário de Leticia (6), que ela se coloca a distância do discurso, olhando para fora, para, então, reconhecer o outro como sujeito do seu próprio discurso e dono de sua maneira de exprimir-se:

(6)

Eu estava numa festa quando  
cheguei a minha prima falei e  
falei - Leticia tem um menino  
querendo ficar com você mais  
eu não quero e depois eu perguntei  
quantos anos ele tem ele falou  
que tem 14 anos eu perguntei  
se ele fumava se ele usa drogas  
ele falou que não então eu  
fiquei com ele e a minha prima  
com a namorada dela  
quando eu fiquei em casa eu  
contei para a minha mãe ficou  
brava mais depois falou que  
ta então eu fui dormir

**Texto 6: Diário de Leticia – 12 anos**

Sendo assim, o locutor abandona sua própria voz, tomando outra como empréstimo a fim de proferir um segmento de fala que não lhe pertence propriamente, mas que escolhe para construir o efeito de sentido desejado.

### **3. Comentários finais**

Os diários pessoais analisados revelam que o ensino de tal gênero proporcionou aos alunos a descoberta de que suas experiências únicas poderiam se transformar em escritas únicas: os pequenos autores relataram cronologicamente fatos e acontecimentos do dia a dia, consignando opiniões, confissões e meditações, sem se preocuparem demasiadamente com a avaliação do professor. Observamos, por um lado, os indícios de um trabalho individual de escolha de recursos expressivos e, por outro lado, que essa análise dos textos, contribuiu de forma singular para a professora ter acesso às histórias de vida de seus alunos, histórias essas muitas vezes contidas e não contadas.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

Destacamos que apesar dos textos estarem sendo influenciados pelas múltiplas vozes retratadas no presente artigo, a autoria se fez presente em todas as produções analisadas, comprovando que os alunos ao escreverem seus textos se reportam ao discurso do outro, mas tomam consciência do mesmo, recortando e reordenando esteticamente os eventos da vida.

Para nós, ficou clara a importância de colocar o aluno em contato com o gênero diário pessoal, atribuindo significado à aprendizagem da escrita, promovida de maneira atraente e significativa. Propomos, então, um olhar diferente para o ensino e aprendizagem de língua materna, que possa enriquecer o trabalho de estudo da língua em sala de aula, vivenciando-a em toda sua diversidade.

### REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. *et alii* (Org.). *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado das letras, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1. reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

MACHADO, Anna Rachel. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MONTESSORI, Maria. *Mente absorvente*. Rio de Janeiro: Portugalia, 1987.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar, 2002.